

Isaac Asimov

FUNDAÇÃO

Tradução
Fábio Fernandes

1ª Reimpressão



Copyright © the Estate of Isaac Asimov, 1951, 1979
Copyright © Aleph, 2009
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

TÍTULO ORIGINAL: Foundation
CAPA E ILUSTRAÇÕES: Delfin
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Carlos Orsi
Marcelo Barbão
REVISÃO: Hebe Ester Lucas
PROJETO GRÁFICO: RS2 Comunicação
EDITORAÇÃO: RS2 Comunicação
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Delfin
DIRETOR EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

Revisado conforme o novo acordo ortográfico da língua portuguesa

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Publicado mediante acordo com The Doubleday Broadway Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc.

ALEPH PUBLICAÇÕES E ASSESSORIA PEDAGÓGICA LTDA.
Rua Dr. Luiz Migliano, 1110 – Cj. 301
05711-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
Fax: [55 11] 3743-3263
www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Asimov, Isaac, 1920-1992
Fundação / Isaac Asimov ; tradução Fabio Fernandes. – São Paulo :
Aleph, 2009.

Título original: Foundation.
ISBN 978-85-7657-066-0

1. Ficção científica norte-americana.
I. Título.

08-10788

CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

1ª Reimpressão
2009

Parte 1

Os psico-historiadores

Hari Seldon... nascido no ano 11.988 da Era Galáctica: falecido em 12.069. As datas são mais conhecidas, em termos da atual Era da Fundação, como de -79 a 1 E.F. Nascido numa família de classe média de Helicon, setor de Arcturus (onde seu pai, como reza uma lenda de autenticidade duvidosa, cultivava tabaco nas usinas hidropônicas do planeta), desde cedo revelou uma fantástica habilidade em matemática. Os relatos sobre sua habilidade são inumeráveis e, alguns deles, contraditórios. Dizem que, aos dois anos de idade, ele...

... Sem dúvida, suas maiores contribuições foram no campo da psico-história. Quando Seldon começou, este campo era pouco mais do que um conjunto de axiomas vagos; ele o transformou numa ciência estatística profunda...

... A maior autoridade existente para saber detalhes de sua vida é a biografia escrita por Gaal Dornick que, quando jovem, conheceu Seldon dois anos antes da morte do grande matemático. A história do encontro...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA¹

¹ Todas as citações da Enciclopédia Galáctica aqui reproduzidas foram retiradas da 116ª edição, publicada em 1.020 E.F. pela Companhia Editora Enciclopédia Galáctica Ltda., Terminus, com permissão dos editores.

1.

Seu nome era Gaal Dornick, e ele era apenas um caipira que nunca havia visto Trantor antes. Isto é, não na vida real. Ele já o *vira* muitas vezes em hipervídeo e, ocasionalmente, em incríveis reportagens tridimensionais cobrindo uma coroação imperial ou a abertura de um Conselho Galáctico. Muito embora tivesse vivido toda a sua vida no mundo de Synnax, que orbitava uma estrela na periferia da Corrente Azul, ele não estava isolado da civilização. Naquela época, nenhum lugar na Galáxia estava.

Havia quase vinte e cinco milhões de planetas habitados na Galáxia então, e nenhum deles deixava de prestar obediência ao Império cujo trono ficava em Trantor. Era o último meio século no qual essa afirmação poderia ser feita.

Para Gaal, a viagem era o clímax indubitável de sua vida jovem e acadêmica. Ele já havia estado no espaço antes, e por isso essa jornada, como viagem em si, pouco significava para ele. Na verdade, sua única viagem anterior tinha sido até o único satélite de Synnax para obter os dados sobre a mecânica de deslocamento de meteoros de que precisava para sua dissertação, mas viagem espacial era tudo a mesma coisa; não importava se a pessoa viajava meio milhão de quilômetros ou muitos anos-luz.

Ele havia se preparado só um pouquinho para o Salto pelo hiperespaço, um fenômeno que as pessoas não experimentavam em viagens interplanetárias simples. O Salto permanecia, e provavelmente assim seria para sempre, o único método prático de viajar entre as estrelas. A viagem pelo espaço comum não podia ser mais rápida do que a da luz comum (um pouco de conhecimento científico que pertencia aos poucos itens conhecidos desde a aurora esquecida da história humana), e isso teria significado muitos anos no espaço até mesmo entre os sistemas habitados mais próximos. Através do hiperespaço, essa região inimaginável que não era espaço nem tempo, nem matéria nem energia, nem algo nem nada, era possível atravessar a extensão da galáxia no intervalo entre dois instantes de tempo.

Gaal havia esperado pelo primeiro desses saltos com um pouco de medo no estômago, e acabou não sendo nada além de um ínfimo tremor,

um pequeno solavanco interno que cessou um instante antes que ele pudesse ter certeza de que o havia sentido.

E isso foi tudo.

E, depois, tinha ficado apenas a nave, grande e reluzente, a produção de 12 mil anos de progresso imperial; e ele próprio, com seu doutorado em matemática recém-obtido e um convite do grande Hari Seldon para ir a Trantor e se juntar ao vasto, e um tanto misterioso, Projeto Seldon.

O que Gaal esperava, depois da decepção do Salto, era aquela primeira visão de Trantor. Ele ficou espreitando o Mirante. As persianas de aço eram eruidas em momentos anunciados e ele estava sempre ali, observando o brilho forte das estrelas, apreciando o incrível enxame nebuloso de um aglomerado estelar, como um gigantesco enxame de vaga-lumes apanhados em pleno voo e paralisados para sempre. Em um momento havia a fumaça fria, azul-esbranquecida de uma nebulosa gasosa a cinco anos-luz da nave, espalhando-se pela janela como leite, preenchendo o aposento com um tom gelado, e desaparecendo de vista duas horas depois, após outro Salto.

A primeira visão do sol de Trantor foi a de uma partícula dura e branca totalmente perdida dentro de uma miríade de outras, e reconhecível somente porque fora apontada pelo guia da nave. As estrelas eram espessas, ali no centro galáctico. Mas, a cada Salto, ele brilhava mais, superando o resto, fazendo com que elas empalidecessem e reduzissem o brilho.

Um oficial apareceu e disse:

– O mirante ficará fechado durante o resto da viagem. Preparar para o pouso.

Gaal o seguiu, puxando a manga do uniforme branco com o símbolo da Espaçonave-e-Sol do Império.

– Seria possível me deixar ficar? Eu gostaria de ver Trantor – ele perguntou.

O oficial sorriu e Gaal ficou vermelho. Lembrou-se de que falava com um sotaque provinciano.

– Vamos pousar em Trantor pela manhã – respondeu o oficial.

– Eu quis dizer que queria vê-lo do espaço.

– Ah. Desculpe, meu rapaz. Se isto aqui fosse um iate espacial, poderíamos dar um jeito. Mas estamos descendo voltados para o sol. Você não gostaria de ficar cego, queimado e cheio de cicatrizes de radiação ao mesmo tempo, gostaria?

Gaal começou a se afastar.

O oficial disse, atrás dele:

– De qualquer maneira, Trantor seria apenas uma mancha cinza, garoto. Por que é que você não faz uma excursão espacial assim que chegar lá? São bem baratinhas.

Gaal olhou para trás.

– Muito obrigado.

Era infantil se sentir decepcionado, mas a infantilidade é uma coisa que acontece quase tão naturalmente a um homem quanto a uma criança, e Gaal sentiu um nó na garganta. Ele nunca vira Trantor se descortinando em toda a sua incredibilidade, grande como a vida, e não imaginara que teria de esperar mais ainda para isso.

2.

A nave pousou com uma mistura de ruídos. O sibilar distante da atmosfera cortando e deslizando pelo metal da nave. O zumbido constante dos condicionadores, lutando contra o calor da fricção e o murmúrio mais lento dos motores, forçando a desaceleração. O som humano de homens e mulheres se reunindo nos salões de desembarque e o barulho das empilhadeiras erguendo e transportando bagagens, correspondência e carga para o eixo da nave, de onde seriam, mais tarde, movidas para a plataforma de desembarque.

Gaal sentiu aquele tremor leve que indicava que a nave não tinha mais movimento independente. A gravidade da nave dera lugar à gravidade planetária há horas. Milhares de passageiros tinham ficado sentados pacientemente nos salões de desembarque que se equilibravam, suavemente, em campos de força flexíveis para acomodar sua orientação em relação à das forças gravitacionais sempre em mudança. Agora, eles desciam devagar por rampas curvas até as grandes portas que, destravadas, se abriam.

A bagagem de Gaal era mínima. Ele ficou esperando em pé junto a um balcão enquanto ela era rapidamente revistada. Seu visto foi inspecionado e carimbado. Ele nem prestou atenção nisso.

Estava em Trantor! O ar parecia um pouco mais denso ali, a gravidade um pouco maior do que a do seu planeta natal de Synnax, mas ele se acostumaria. Só não sabia se se acostumaria à imensidão.

O Prédio de Desembarque era tremendo. O teto quase desaparecia nas alturas. Gaal quase podia imaginar nuvens se formando sob sua imensidão. Ele não conseguia ver a parede do outro lado; apenas homens, mesas e piso convergindo até desaparecerem, fora de foco.

O homem no balcão estava falando novamente. Parecia aborrecido. Ele disse:

– Vá andando, Dornick – tivera de abrir o visto, mais uma vez, para lembrar qual era o nome.

– Onde... onde... – Gaal balbuciou.

O homem apontou com o polegar.

– Táxis à direita e terceira à esquerda.

Gaal seguiu em frente, vendo os fragmentos de ar retorcidos e reluzentes suspensos bem no alto do nada e que diziam “TÁXIS PARA TODOS OS LUGARES”.

Uma figura se destacou do anonimato e parou perto do balcão, quando Gaal saiu. O homem sentado olhou para cima e assentiu ligeiramente. A figura retribuiu o movimento de cabeça e seguiu o jovem imigrante.

Chegara a tempo de saber para onde Gaal estava indo.

Quando Gaal deu por si, estava encostado num corrimão.

A plaquinha dizia: *Supervisor*. O homem a quem a placa se referia não levantou a cabeça para perguntar:

– Para onde?

Gaal não tinha certeza, mas até mesmo alguns segundos de hesitação significavam pessoas se aglomerando em fila atrás dele.

O Supervisor levantou a cabeça:

– Para onde?

Gaal estava mal de finanças; mas só esta noite e depois já teria um emprego. Tentou parecer tranquilo.

– Um bom hotel, por gentileza.

O Supervisor não ficou impressionado.

– Todos são bons. Diga o nome de um.

Gaal respondeu desesperado:

– O mais próximo, por favor.

O Supervisor pressionou um botão. Uma fina linha de luz se formou ao longo do piso, retorcendo-se entre outras que brilhavam com maior ou menor intensidade em diferentes tons e cores. Um bilhete, que brilhava levemente, foi colocado nas mãos de Gaal.

– Um ponto doze – disse o Supervisor.

Gaal lutou para contar as moedas. Perguntou:

– Para onde eu vou?

– Siga a luz. O bilhete continuará brilhando enquanto você estiver apontando na direção certa.

Gaal levantou a cabeça e começou a andar. Centenas de pessoas percorriam devagar o vasto piso, seguindo suas trilhas individuais, passando com dificuldade por pontos de interseção para chegar a seus destinos respectivos.

Sua trilha chegou ao fim. Um homem vestindo um reluzente uniforme azul e amarelo, brilhante e novo em plastotêxtil à prova de manchas, estendeu as mãos para pegar suas duas malas.

– Linha direta para o Luxor – ele disse.

O homem que seguia Gaal ouviu isso. Ele também ouviu Gaal dizer:

– Ótimo – e o viu entrar no veículo de dianteira arredondada.

O táxi subiu numa linha reta. Gaal ficou olhando pela janela transparente curva, maravilhado com a sensação de voo aéreo dentro de uma estrutura fechada e agarrando-se, por instinto, às costas do banco do motorista. A vastidão se contraiu e as pessoas se tornaram formigas em distribuição aleatória. O cenário se contraiu ainda mais, e começou a deslizar para trás.

Havia uma parede adiante. Ela começava alto no ar e se estendia para cima até sumir de vista. Estava cheia de buracos que eram as bocas dos túneis. O táxi de Gaal se moveu na direção de um e mergulhou na escuridão. Por um momento, Gaal se perguntou, distraído, como seu motorista conseguia escolher um entre tantos.

Agora só havia escuridão, com nada para aliviar a penumbra a não ser os relâmpagos de luzes de sinalização coloridas que passavam zunindo. O ar estava cheio de sons de aceleração.

Gaal se curvou para a frente para compensar a desaceleração e o táxi subitamente saiu do túnel, descendo mais uma vez ao nível do chão.

– Luxor Hotel – o motorista disse, sem necessidade. Ele ajudou Gaal com a bagagem, aceitou uma gorjeta de um décimo de crédito com ar profissional, apanhou um passageiro que estava esperando, e voltou a subir.

Durante todo esse tempo, desde o momento do desembarque, não houve um vislumbre sequer do céu.

Trantor... No começo do décimo terceiro milênio, essa tendência atingiu seu clímax. Como centro do governo imperial por centenas de gerações ininterruptas e localizado nas regiões centrais da Galáxia, entre os mundos mais densamente habitados e industrialmente avançados do sistema, dificilmente ele poderia deixar de ser o agrupamento mais denso e rico de humanidade que a Raça jamais vira.

Sua urbanização, que progredira a passos firmes, havia finalmente chegado à sua forma definitiva. Toda a superfície terrestre de Trantor, 194 milhões de quilômetros quadrados de extensão, era uma única cidade. A população, no seu ápice, passava dos quarenta bilhões. Essa enorme população era dedicada quase inteiramente às necessidades administrativas do Império, e percebeu que era pouca para as complicações da tarefa. (Deve-se lembrar que a impossibilidade de uma administração adequada do Império Galáctico, sob a liderança pouco inspirada dos últimos imperadores, foi um fator considerável na Queda.) Diariamente, frotas de naves, contadas às dezenas de milhares, traziam a produção de vinte mundos agrícolas para as mesas de jantar de Trantor...

Sua dependência dos mundos exteriores para comida e, na verdade, para todas as necessidades da vida, tornou Trantor cada vez mais vulnerável à conquista por cerco. No último milênio do Império, as revoltas, monotonamente numerosas, fizeram um imperador atrás do outro consciente disso, e a política imperial se tornou pouco mais do que a proteção da delicada veia jugular de Trantor...

3.

Gaal não tinha certeza se o sol brilhava, e nem, para dizer a verdade, se era dia ou noite. Teve vergonha de perguntar. O planeta inteiro parecia viver sob metal. A refeição que tinha acabado de consumir havia sido rotulada como almoço, mas havia muitos planetas que viviam uma escala de tempo padrão que não levava em conta a alternância, talvez inconveniente, entre dia e noite. A taxa de rotações planetárias diferia, e ele não sabia como era em Trantor.

No começo, acompanhou ansioso as placas que levavam ao “Salão Solar” e descobriu que era apenas uma câmara para as pessoas se banharem em radiação artificial. Ficou ali um instante e, depois, voltou ao saguão principal do Luxor.

– Onde é que eu posso comprar um bilhete para uma excursão planetária?
– perguntou ao recepcionista.

– Aqui mesmo.

– E quando ela começa?

– O senhor acabou de perdê-la. Teremos outra amanhã. Compre um bilhete agora e reservamos um lugar para o senhor.

– Ah. – Amanhã seria tarde demais. Amanhã ele teria de estar na Universidade. – Não haveria uma torre de observação... ou coisa parecida? – perguntou. – Quero dizer, a céu aberto.

– Claro! Se o senhor quiser, posso lhe vender um bilhete para isso. É melhor eu verificar se está chovendo – ele fechou um contato perto do cotovelo e leu as letras que correram por uma tela translúcida. Gaal leu junto com ele.

– Está fazendo um tempo ótimo! – disse o recepcionista. – Pensando bem, acho mesmo que estamos na estação seca agora – e acrescentou, a título de conversação –, eu mesmo não ligo muito para o lado de fora. A última vez em que estive lá foi há três anos. Sabe, você vê uma vez e pronto, não há mais o que ver... aqui está seu bilhete. Elevador especial nos fundos. Onde está escrito “Para a Torre”. É só entrar nele.

O elevador era daquele tipo novo que funcionava movido por repulsão gravitacional. Gaal entrou e outros o seguiram. O ascensorista fechou um contato. Por um momento, Gaal se sentiu suspenso no espaço, quando a gravidade passou para zero e, então, voltou a ter um pouco de peso, quando o elevador

acelerou para cima. A desaceleração veio em seguida e seus pés deixaram o chão. Soltou um grito sem querer.

O ascensorista gritou:

– Enfie os pés embaixo do corrimão. Não leu a placa?

Era o que os outros haviam feito. Eles sorriam enquanto o rapaz tentava loucamente, e em vão, descer a parede. Os sapatos das pessoas estavam presos no cromo dos corrimãos que se estendiam pelo chão paralelamente, a intervalos de sessenta centímetros. Ele havia notado os corrimões ao entrar, mas os ignorara.

Então, alguém estendeu uma mão e o puxou para baixo.

Ele soltou um “obrigado” sem fôlego quando o elevador parou.

Saiu em um terraço aberto, banhado numa luz brilhante branca que lhe doeu os olhos. O homem que o ajudara estava imediatamente atrás dele e disse, gentilmente:

– Aqui não falta lugar.

Gaal fechou a boca (estava de queixo caído) e disse:

– É, é o que parece mesmo – ele começou a ir automaticamente na direção das cadeiras, mas parou. – Se o senhor não se importa – disse –, vou um instante até a amurada. Eu... eu quero olhar um pouquinho.

O homem fez um gesto bem-humorado para que ele fosse e Gaal se inclinou sobre a amurada na altura dos ombros, fartando-se com o panorama.

Ele não conseguia ver o chão. Estava perdido, nas complexidades cada vez maiores de estruturas feitas pelo homem. Não conseguia ver outro horizonte que não o de metal contra céu, estendendo-se até um tom quase uniforme de cinza, e sabia que estava tudo muito acima da superfície do planeta. Quase não havia movimento para ver – alguns veículos de lazer podiam ser vistos navegando contra o céu –, mas todo o tráfego pesado de bilhões de homens seguia, ele sabia, sob a pele metálica do mundo.

Não havia verde; nada de verde, nada de solo, nenhuma outra vida que não o homem. Em algum lugar do mundo, ele percebeu vagamente, ficava o palácio do Imperador, encravado no meio de 260 quilômetros quadrados de solo natural, verde com árvores, com flores de todas as cores do arco-íris. Era uma minúscula ilha no meio de um oceano de aço, mas não era visível de onde ele estava. Podia ficar a quinze mil quilômetros de distância. Ele não sabia.

Precisava fazer logo sua excursão!

Soltou um suspiro alto, e finalmente percebeu que, enfim, estava em Trantor; no planeta que era o centro de toda a Galáxia e coração da raça humana. Ele não via nenhuma de suas fraquezas. Não viu nenhuma nave de comida pousando. Não estava ciente de uma jugular conectando delicadamente os quarenta bilhões de Trantor ao resto da Galáxia. Ele só estava consciente do feito mais poderoso do homem. A conquista completa e quase desprezivelmente final de um mundo.

Recuou, um pouco zozno. Seu amigo do elevador indicou uma cadeira ao seu lado e Gaal se sentou nela.

– Meu nome é Jerril – disse o homem, sorrindo. – Sua primeira vez em Trantor?

– Sim, Sr. Jerril.

– Eu tinha imaginado. Jerril é meu primeiro nome. Trantor mexe com você, se tiver um temperamento poético. Mas os trantorianos nunca vêm até aqui. Não gostam. Ficam nervosos.

– Nervosos? Meu nome é Gaal, a propósito. Por que ficam nervosos? Isto aqui é glorioso!

– É uma opinião subjetiva, Gaal. Se você nasceu num cubículo, cresceu num corredor, trabalha num cubículo e tira férias em um solário superlotado, então subir a céu aberto com nada, a não ser o horizonte, sobre você, pode simplesmente provocar um ataque de nervos. Eles fazem as crianças virem aqui em cima uma vez por ano, depois que completam cinco anos de idade. Não sei se faz algum bem. Mas não é o bastante, e das primeiras vezes elas ficam gritando, histéricas. Deviam começar assim que são desmamadas e fazer esse passeio uma vez por semana.

– Naturalmente – ele continuou –, não faz diferença. E se eles nunca saírem? São felizes lá embaixo, e são eles quem dirigem o Império. A que altura você pensa que estamos?

– Oitocentos metros? – perguntou Gaal, imaginando se estava sendo ingênuo. E devia estar sendo mesmo, porque Jerril deu um risinho, dizendo:

– Não. Apenas cento e cinquenta metros.

– O quê? Mas o elevador levou...?

– Eu sei. Mas a maior parte do tempo foi só para chegar ao nível da superfície. Trantor tem túneis que chegam a mais de um quilômetro e meio de profundidade. É como um iceberg. Nove décimos dele ficam fora de vista. Chega,

até mesmo, a se estender alguns quilômetros para o solo suboceânico. Na verdade, estamos tão baixo que podemos utilizar a diferença de temperatura entre o nível da superfície e três quilômetros abaixo para nos fornecer toda a energia de que precisamos. Sabia disso?

– Não, pensei que vocês usassem geradores atômicos.

– Já usamos. Mas isto é mais barato.

– Imagino que sim.

– O que você está achando de tudo? – por um momento, a boa natureza do homem se evaporou em um ar sagaz. Parecia quase malicioso.

Gaal ficou sem jeito.

– Glorioso – disse novamente.

– Aqui de férias? Viajando? Turismo?

– Não exatamente. Quer dizer, eu sempre quis visitar Trantor, mas vim aqui para um emprego.

– Ah, é?

Gaal se sentiu na obrigação de explicar:

– Com o projeto do Dr. Seldon na Universidade de Trantor.

– Corvo Seldon?

– Não, ora essa. Eu estou falando é de Hari Seldon: o psico-historiador Hari Seldon. Não conheço nenhum Corvo Seldon.

– Mas eu estou me referindo é ao Hari, mesmo. Eles o chamam de Corvo. Gíria, você sabe. Ele não para de ficar prevendo desastres.

– É mesmo? – Gaal ficou genuinamente assombrado.

– Claro, você deve saber disso – Jerril não estava sorrindo. – Está vindo trabalhar com ele, não está?

– Sim, ora, eu sou matemático. Por que é que ele prevê desastres? Que tipo de desastre?

– Que tipo você acha que é?

– Receio não ter a menor ideia. Já li os artigos que o Dr. Seldon e seu grupo têm publicado. São sobre teoria matemática.

– Sim, aqueles que eles publicam.

Gaal estava começando a se irritar, por isso disse:

– Acho que vou para o meu quarto, agora. Muito prazer em conhecê-lo.

Jerril fez um aceno indiferente de despedida.

Gaal encontrou um homem esperando por ele em seu quarto. Por um momento, ficou assustado demais para colocar em palavras o inevitável “O que você está fazendo aqui?” que surgiu em seus lábios.

O homem se levantou. Era velho, quase careca, e caminhava mancando, mas seus olhos eram muito azuis e brilhantes.

Ele disse:

– Sou Hari Seldon – um instante antes que o cérebro confuso de Gaal ligasse esse rosto à memória das muitas vezes em que o havia visto em fotos.

Psico-história... Gaal Dornick, utilizando conceitos não matemáticos, definiu a psico-história como o ramo da matemática que trata das reações dos conglomerados humanos a estímulos sociais e econômicos fixos...

... Implícita em todas essas definições está a suposição de que o conglomerado humano que está em foco é suficientemente grande para um tratamento estatístico válido. O tamanho necessário de tal conglomerado pode ser determinado pelo Primeiro Teorema de Seldon, que... Uma suposição necessária posterior é que o conglomerado humano esteja ele próprio inconsciente da análise psico-histórica para que suas reações sejam verdadeiramente aleatórias...

A base de toda a psico-história válida baseia-se no desenvolvimento das Funções Seldon, que exibem propriedades congruentes com as de forças sociais e econômicas como...

4.

– Boa tarde, senhor – disse Gaal. – Eu... Eu...

– Você não achava que fôssemos nos ver antes de amanhã? Normalmente, não mesmo. É que, se formos utilizar seus serviços, precisamos trabalhar rápido. Está ficando cada vez mais difícil obter recrutas.

– Não estou entendendo, senhor.

– Você estava conversando com um homem na torre de observação, não estava?

– Sim. O primeiro nome dele é Jerril. Não sei mais nada sobre ele.

– O nome dele não é nada. Ele é agente da Comissão de Segurança Pública. Ele o seguiu desde o espaçoporto.

– Mas por quê? Sinto muito, mas estou muito confuso.

– O homem da torre não disse nada a meu respeito?

Gaal hesitou.

– Ele se referiu ao senhor como Corvo Seldon.

– Ele disse por quê?

– Disse que o senhor prevê desastres.

– E prevejo. O que Trantor significa para você?

Todos pareciam estar perguntando sua opinião sobre Trantor. Gaal se sentia incapaz de responder outra coisa além da palavra “glorioso”.

– Você disse isso sem pensar. E se usar a psico-história?

– Não pensei em aplicá-la ao problema.

– Antes de acabar seu trabalho comigo, jovem, aprenderá a aplicar a psico-história a todos os problemas de forma natural; observe – Seldon tirou sua calculadora do bolso do cinto. Diziam que ele guardava uma dessas debaixo do travesseiro, para usar em momentos de insônia. Seu acabamento cinza brilhante estava ligeiramente desgastado pelo uso. Os dedos ágeis de Seldon, cheios de manchas da idade, brincavam com arquivos e teclas que preenchiam sua superfície. Símbolos vermelhos despontavam na parte superior.

– Isto representa a condição do Império atualmente – ele afirmou.

Ficou esperando.

Por fim, Gaal disse:

– Certamente, isso não é uma representação completa.

– Não, não é completa – disse Seldon. – Fico feliz por você não ter aceito minha palavra cegamente. Entretanto, é uma aproximação que servirá para demonstrar a proposição. Você aceita isso?

– Se for submetida à minha verificação posterior da derivação da função, sim. – Gaal estava evitando, cuidadosamente, uma possível armadilha.

– Ótimo. Adicione a isso a conhecida probabilidade de assassinato imperial, revoltas de vice-reis, a recorrência contemporânea de períodos de depressão econômica, a taxa cada vez menor de explorações planetárias, a...

E continuou. À medida que cada item era mencionado, novos símbolos ganhavam vida ao seu toque, e se fundiam à função básica que se expandia e se modificava.

Gaal só o interrompeu uma vez.

– Não vejo a validade dessa transformação de conjunto.

Seldon a repetiu mais devagar.

– Mas isso – disse Gaal – é feito por meio de uma sociooperação proibida.

– Ótimo. Você é rápido, mas ainda não é rápido o bastante. Ela não é proibida nesta conexão. Deixe-me fazer isso por expansões.

O procedimento demorou muito mais e, no final, Gaal disse, humildemente:

– Agora percebi.

Finalmente, Seldon parou.

– Isto é Trantor daqui a três séculos. Como você interpreta isso? Hein?
– inclinou a cabeça para o lado e ficou esperando.

Gaal disse, sem acreditar:

– Destruição total! Mas... Mas isso é impossível. Trantor nunca foi...

Seldon estava repleto da intensa empolgação de um homem que só havia envelhecido no corpo.

– Vamos, vamos. Você viu como se chegou ao resultado. Coloque isso em palavras. Esqueça o simbolismo por um momento.

– À medida que Trantor se tornar mais especializado, vai se tornar mais vulnerável, menos capaz de se defender – disse Gaal. – Além disso, à medida que ele se torna, cada vez mais, o centro administrativo do Império, também se torna um prêmio maior. À medida que a sucessão imperial se tornar cada

vez mais incerta e as rixas entre as grandes famílias crescerem mais, a responsabilidade social desaparece.

– Chega. E a probabilidade numérica de destruição total em três séculos?

– Não saberia dizer.

– Mas certamente você sabe realizar uma diferenciação de campo?

Gaal se sentiu sob pressão. Seldon não lhe ofereceu a calculadora. Ela estava sendo mostrada a uns trinta centímetros de seus olhos. Calculou furiosamente e sentiu a testa molhada de suor.

– Cerca de 85%? – ele perguntou.

– Não está mal – disse Seldon, projetando o lábio inferior –, mas não está bom. A cifra correta é 92,5%.

– E por isso o senhor é chamado Corvo Seldon? – disse Gaal. – Nunca vi nada disso nas publicações acadêmicas.

– Mas é claro que não. Esse tipo de coisa não se publica. Você supõe que o Império poderia expor sua fragilidade dessa maneira? Esta é uma demonstração muito simples de psico-história. Mas alguns dos nossos resultados vazaram para a aristocracia.

– Isso é ruim.

– Não necessariamente. Tudo é levado em conta.

– Mas é por isso que estou sendo investigado?

– Sim. Tudo a respeito do meu projeto está sendo investigado.

– O senhor está em perigo?

– Ah, sim. Há uma probabilidade de 1,7% de que eu seja executado, mas naturalmente isso não deterá o projeto. Também já levamos isso em consideração. Bem, não importa. Você me encontrará, suponho, na Universidade amanhã?

– Sim – disse Gaal.